

IV PROJETAR 2009

PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA

FAU – UPM SÃO PAULO BRASIL

Outubro 2009

EIXO / ATITUDE: PROPOSIÇÃO

REFLEXÕES SOBRE UMA CERTA ARQUITETURA  
O PROJETO NA ESCOLA DO PORTO

Leila Beatriz Silveira

Arquiteta, Mestre em Arquitetura, Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC - Rio ■  
Departamento de Construção Civil ■ Rua Marques de São Vicente, 225 Ala Leme - 3º andar –  
Gávea – Rio de Janeiro – RJ 22451-900 ■ tel. (21) 35271828 ■ e-mail: [leilasilveira@cruiser.com.br](mailto:leilasilveira@cruiser.com.br)

**RESUMO**

Este artigo apresenta algumas reflexões acerca do ensino de projeto de arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto – FAUP / OPorto. Existe uma evidente carga simbólica e pedagógica associada à *Escola do Porto*, como é conhecida, que pode ser percebida através de uma *imagem forte*, tanto interna como externamente, que se reflete na “*identidade*” dessa escola possibilitando uma direção a seguir – na sua estrutura, no ensino, nos seus objetivos.

Tendo como principal característica a estreita relação entre professores e alunos onde a produção arquitetônica dos primeiros influencia de forma decisiva nos ensinamentos, a *Escola do Porto* construiu uma pedagogia mais experimental do que acadêmica com o predomínio das práticas sobre as teorias. A ênfase no conhecimento da realidade com foco no desenho e não na teoria, uma visão mais arquitetônica dos problemas do território do que administrativa ou funcional, o entendimento da contribuição da morfologia existente, da tradição local, são algumas premissas que podemos encontrar no estudo, de caráter investigativo, do processo de ensino de projeto desta escola.

Uma reflexão sobre a educação do arquiteto e sobre a própria docência, tendo como referência a *Escola do Porto*, apresentada através do eixo / atitude “proposição”, busca interpretar sua contribuição ao ensino de projeto face à permanência e a difusão de certos modos de entender a intervenção projetual.

**ABSTRACT**

This article presents some reflections about the teaching of architectural design in the Faculty of Architecture of the University of Oporto - FAUP / OPorto. There is an obvious symbolic and pedagogic load associated to the *Escola do Porto*, as it is known, what can be realized through an inside and outside *remarkable image*, which is reflected as the "*identity*" of this school becoming possible a direction to be followed - in its structure, teaching and objectives.

Considering as the principal characteristic the straight relation among teachers and students, where the architectural production of the first ones influences in the decisive manner the instruction, the *Escola do Porto* built a more experimental pedagogy than academic with the predominance of the practices on theories. The emphasis in the knowledge of the reality with a focus in drawing and not in theory, a more architectural vision of the territorial problems more than administrative or functional, the comprehension of the contribution of the existing morphology and the local tradition, are some premises which can be find in the inquiry process of school's design teaching.

A reflection on architectural education and on teaching itself, taking as a reference the *Escola do Porto*, presented through the axis / attitude "proposition", search to understand its contribution to the design teaching face to the permanence and diffusion of certain ways of understanding the designing intervention.

## RESUMEN

Este artículo presenta algunas reflexiones sobre la enseñanza del proyecto de arquitectura en la Facultad de Arquitectura de la Universidad del Porto – FAUP / OPorto. Existe una evidente carga simbólica y pedagógica asociada a la *Escola do Porto*, como es conocida, que puede ser notada por una *imagen fuerte*, tanto interna como externamente, que se refleja en la “*identidad*” de esa escuela posibilitando una dirección a seguir – en su estructura, en la enseñanza, en sus objetivos.

Teniendo como característica principal a la estrecha relación entre los profesores y los alumnos donde la producción arquitectónica de los primeros influencia de manera decisiva en la enseñanza, la *Escola do Porto* construyó una pedagogía más experimental que académica con el predominio del práctico sobre el teórico. El énfasis en el conocimiento de la realidad centrándose en el dibujo y no en la teoría, una mirada *más arquitectónica* de los problemas del territorio que administrativa o funcional, la comprensión de la contribución de la morfología existente, de la tradición local, son algunas de las premisas que se puede percibir en el estudio, de carácter investigativo, del proceso de enseñanza de la disciplina de proyecto de esta escuela de arquitectura.

Una reflexión sobre la enseñanza del arquitecto y sobre la propia docencia, teniendo como referencia a la *Escola do Porto*, presentada por eje / actitud “proposición”, busca interpretar su contribución a la enseñanza del proyecto sobre el punto de vista de la permanencia y la difusión de algunas maneras de comprender la intervención proyectual.

## INTRODUÇÃO

Vivemos uma época de incertezas, também na arquitetura, e de substituição de paradigmas nos quais fundamentamos a nossa atuação acadêmica e profissional. A educação tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica, e os novos espaços de formação (mídia, rádio, TV, vídeo, espaço familiar, internet, etc.) ampliaram o “espaço escolar” fazendo com que hoje se pense e pesquise em rede. A revolução da tecnologia da informação promoveu uma nova geografia desenraizada das bases territoriais constituindo uma sociedade em torno de fluxos de capital, tecnologia, integração organizacional, imagens, sons e símbolos compartilhados em tempo real que são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica. (CASTELLS, 1999) Neste ciclo de perpétua transformação é condição primeira o reconhecimento de outras formas de saber e a universidade deve ser esse ponto privilegiado de encontro entre saberes (SANTOS, 1997). Neste contexto também estão inseridos os debates e questionamentos sobre a aprendizagem arquitetônica.

No Brasil a arquitetura juntamente com a formação profissional foi muito influenciada pela ideologia modernista desde os anos 40. Esse marco ideológico articulado na sua origem por uma vanguarda de arquitetos europeus nos anos 20 a 30 teve aqui um impacto revitalizador principalmente devido à orientação teórica e crítica de Lucio Costa. Isso ficou documentado através de uma série de realizações brilhantes que tivemos neste período atingindo seu ponto máximo com o plano e a construção de Brasília.

Entretanto esse conjunto de princípios de projeto que compõe a doutrina modernista ocupou-se da forma arquitetônica, negligenciando-se na esfera do ensino do ponto capital - a questão processo projetual. (SILVA, 1986) O professor de projeto durante muito tempo no Brasil era o “bom arquiteto”, aquele que ensinava o projeto arquitetônico a partir de uma simulação do exercício profissional, repetindo modelos e reconstituindo as suas próprias experiências através do trabalho dos alunos.

Foi a partir dos anos 80, com o processo de abertura política no Brasil e o ingresso de novos professores pós-graduados, muitos com formação em ciências sociais aplicadas, que se verifica a substituição parcial do modelo de “escritório” anterior pelo desenvolvimento de projetos e pesquisas com ênfase na área social, priorizando o atendimento às necessidades da comunidade e o estudo de tecnologias alternativas de baixo custo. (VELOSO; ELALI, 2003)

Embora seja louvável num país como o nosso esse tipo de preocupação, o ensino focado no realismo social acaba sobrepondo o planejamento ao projeto, dedicando pouco espaço para o processo projetual e a conseqüente efetivação da proposta. A maior parte do tempo passa a ser consumida na pesquisa deixando o projeto incompleto, e até muitas vezes, paralisando toda a aprendizagem do projetar. (COMAS, 1986)

As discussões em torno do ensino de projeto foram mais bem explicitadas a partir do I Encontro sobre Ensino de Projeto Arquitetônico realizado na Faculdade de Arquitetura da UFRGS em 1985<sup>1</sup>, onde as principais inquietações relacionavam-se aos problemas de qualidade na formação e

---

<sup>1</sup> COMAS, Carlos E. (Org.) Projeto Arquitetônico – disciplina em crise, disciplina em renovação. São Paulo: Projeto, 1986.

prática do arquiteto brasileiro que, muitas das vezes, apresenta carências e dificuldades reais, refletindo uma didática que não tem acompanhado a evolução do pensamento arquitetônico contemporâneo.

Desde então, temos observado um crescente interesse no campo da arquitetura e do urbanismo traduzido no aumento de publicações, monografias, artigos ou coletâneas de arquitetos, professores, e/ou pesquisadores, como resultado da expansão e consolidação da pós-graduação e da multiplicação de eventos de caráter científico em todos os níveis. (MARQUES; LARA, 2003) Os estudos buscam sistematizar e organizar os ensinamentos construídos no ateliê de projeto de arquitetura, entendido como uma disciplina teórico – prática, onde o próprio projeto é considerado um instrumento didático de investigação.

Dentro deste panorama é que se insere minha pesquisa de doutorado, colocando o ensino de projeto de arquitetura num contexto onde os professores atuam como verdadeiros educadores – promotores de um ambiente de colaboração tendo os alunos não só como aprendizes, mas também como parceiros na concepção e execução dos exercícios de projeto. Consciente de que somente aquele conhecimento que emerge do interior pode estabelecer vínculos com outros conhecimentos próprios e produzir um progresso individual e coletivo, entendo a cognição como resultado de um processo do pensamento iniciado com um estado de indagação frente ao problema - uma curiosidade epistemológica segundo Paulo Freire – onde na (re) construção deste saber atuam dialogicamente professor e aluno. Por este caminho busco a compreensão de uma forma de pensar o ensino de projeto fundamentada no intercambio entre os campos da arquitetura e da pedagogia.

A escolha da FAUP/OPorto como um dos estudos de caso se deve principalmente a intenção de buscar um dialogo dentro do cenário de referencias internacionais que proporcionasse o entendimento de realidades diversas porém originadas na matriz comum da *École de Beaux Arts*, e que ao mesmo tempo indicasse um caso singular de experiência pedagógica desenvolvida numa estrutura coerente ao nível do curso, do plano de estudos e das metodologias projetuais que pode ser traduzida como uma identidade própria.

O levantamento junto à FAUP foi realizado durante o mês de janeiro de 2007, como parte da pesquisa e concentrou-se primeiramente em entrevistas semi-estruturadas com os professores responsáveis pelas disciplinas de projeto. A observação empírica dos ateliês foi realizada em horário integral tendo frequência semanal para cada ano de projeto. O material teórico e conceitual referente ao programa do curso foi obtido através dos guias do estudante 2005 / 2006 / 2007 - livros 1 e 2, e do depoimento do presidente do conselho diretivo Professor Doutor Francisco Barata Fernandes.

### **BREVE HISTÓRICO – FORMAÇÃO, EVOLUÇÃO E CONTEXTO.**

Inicialmente o ensino de arquitetura no Porto estava integrado na Academia Portuense de Belas Artes fundada em 1834. A reforma de 1881 cria a Escola de Belas Artes do Porto – ESBAP - separando-a da Academia, mas o ensino de arquitetura somente se estabelece como curso independente em 1911. Prevendo a necessidade de uma melhor preparação profissional e cultural dos arquitetos, acontecem as reformas de 1932 e 1957.

No final dos anos cinquentas começam as primeiras inquietações internacionais sobre os efeitos que o Moderno estava causando à paisagem e à natureza. Neste período, precisamente em 1959, o arquiteto português Fernando Távora<sup>2</sup> participa do primeiro Team X<sup>3</sup>, em Oterloo, Holanda, ao lado de arquitetos da chamada terceira geração internacional como Ernesto N. Rogers, Aldo van Eyck, Louis Kahn, J. António Coderch, Ignazio Gardella, entre outros (FERNANDES; CANNATÀ, 2006). Foi com esse arquiteto que se iniciou a valorização da arquitetura portuguesa, sendo reconhecido internacionalmente um posicionamento arquitetônico mais significativo.

Fernando Távora ocupava desde 1940 o lugar de professor na Escola de Arquitetura do Porto. Suas reflexões se debruçavam sobre a questão da “Casa Portuguesa”, tendo inclusive publicado em 1947 um ensaio inovador sobre o assunto. Távora parece se aproximar mais do contexto, procurando fazer uma ponte entre os ensinamentos fornecidos pelo estudo da casa popular e as intenções da arquitetura moderna. No meio português, o Homem e a Terra são os elementos condicionantes de toda a arquitetura que se pretenda edificar dentro de uma “verdade portuguesa” (FERNANDES; CANNATÀ, 2006). Mas, segundo Távora, “nada perderemos em estudar a arquitetura estrangeira, caso contrário será inútil ter a pretensão de falar em arquitetura portuguesa”.

Nos anos sessenta, em paralelo ao aprofundamento da crítica aos princípios do movimento Moderno, inicia-se em Portugal uma reflexão dos valores patrimoniais do país, despertando um interesse crescente relacionado à cultura construtiva local. Em 1961 é publicado o resultado de uma grande investigação sobre arquitetura popular em Portugal. Este estudo chamado “Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa”<sup>4</sup> assume uma importância fundamental na classificação e caracterização dos elementos tipológicos e formais da arquitetura vernácula.

A partir de 1967, como resultado de um intenso movimento crítico o curso de Arquitetura consegue sua autonomia em relação aos cursos de Pintura e Escultura, iniciando assim uma nova experiência pedagógica. Essa experiência, organizada pelo diretor da ESBAP Carlos Ramos, acontece como consequência de uma grande renovação no corpo docente do curso de Arquitetura com a contratação de jovens arquitetos, que com seu apoio conseguem realizar uma radical atualização dos programas de estudo. Com a produção de uma arquitetura abstrata de geometrias simples, fortemente relacionada com a construtiva vernácula, expressa nas obras dos novos professores, pode-se observar uma modificação no processo de ensino. Essa influência foi acompanhada pela corrente estruturalista do enunciado da arquitetura como linguagem e por um

---

<sup>2</sup> Fernando Távora (1923 - 2005) foi um dos fundadores da chamada Escola do Porto, mestre de Siza Vieira e Souto Moura. Introduziu a partir dos anos 50, uma reflexão que não existia em Portugal, sobre o papel social da arquitetura, em oposição às realizações e aos discursos oficiais da época. Produziu uma obra que sempre prestou atenção às formas e detalhes da arquitetura tradicional, utilizando-as como dados culturais que devem ser reinterpretados no respeito à evolução da arquitetura moderna.

<sup>3</sup> O Team X refere-se a um grupo (sem vínculo formal) de arquitetos reunidos após a dissolução do CIAM com o objetivo de rever os seus conceitos. Entre seus membros mais assíduos e importantes estiveram Jaap Bakema, Georges Candilis, Aldo van Eyck, Giancarlo De Carlo, Alison e Peter Smithson e Shadrach Woods. O grupo formava uma “geração mais jovem” que pretendia manter o espírito do CIAM através de uma revisão crítica.

<sup>4</sup> O Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa é o resultado direto de uma grande investigação realizada durante os anos de 1955 a 1960, pelo Sindicato Nacional de Arquitetos sob a presidência de Francisco Keil do Amaral, que tinha como objetivo o levantamento do espaço habitado nas diversas regiões rurais do país, juntamente com seus usos e costumes agregados às técnicas e materiais de construção.

conjunto de pressupostos teóricos sociais que conduziram à politização da vida escolar coberta pelo princípio da “responsabilidade social do arquiteto”<sup>5</sup>.

A adoção de um programa de ensino em regime experimental significou a autonomia da comissão diretiva da escola para reorganizar o sistema educativo incluindo os programas, o currículo e a contratação dos professores. Essa experiência foi lançada segundo duas regras básicas: primeiro só haveria projeto com as equipes se organizando livremente, e segundo não haveria classificações para ninguém. As equipes deveriam ser formadas por alunos de todos os anos e com professores das diversas áreas para colaborar na prática do projeto. Isso gerou uma intensa atividade, pois só tinha a disciplina de projeto e num trabalho coletivo. Estimulada pela manutenção das duras condições políticas do país e pela constatação da pobreza generalizada, os estudantes se voltaram para um discurso teórico de necessidade de ligação às raízes populares enquanto participavam das possíveis ações políticas. De acordo com o relato do Prof. Domingos Tavares<sup>6</sup> foi um período excepcional de grande efervescência política, que durou de quatro ou cinco anos proporcionando ao corpo docente e discente uma experiência única de reflexão e diálogo servindo de base para a formação das futuras equipes dos programas do SAAL<sup>7</sup>.

As mudanças políticas de 1974 tiram o país do isolamento mantido pelo regime salazarista desde os anos 20, e nesse momento aparece com destaque uma geração de arquitetos fortemente preparada técnica e artisticamente formada no ambiente de reflexão e crítica existente na escola a partir da gestão de Carlos Ramos. Esses arquitetos, professores e estudantes da ESBAP, vão pautar suas ações e experimentações no campo da arquitetura social, notadamente através dos programas SAAL com a elaboração de proposições de alternativas, quer no âmbito da localização, quer das tipologias das habitações. Embora essa experiência tenha sido interrompida por radicalizações políticas e limitações econômicas, deixou como legado uma série de realizações que testemunham a grande potencialidade do projeto. O caráter exemplar das propostas acabou atraindo a atenção da cultura arquitetônica internacional através das revistas e dos editoriais mais qualificados. Deste momento vivido com grande intensidade e algumas obras, aparecem com destaque os arquitetos Fernando Távora, como pedagogo, e Álvaro Siza, como autor<sup>8</sup>. Segundo o Prof. Domingos Tavares essa fase pode ser caracterizada como o tempo da ação política.

“A revolução democrática de 1974 veio dar corpo definitivo à substituição da mesa de desenho pela ação de rua e a Escola esvaziou-se, durante alguns meses, que foram fundamentais para a compreensão da mais importante tarefa que pode caber a um arquiteto profissional: a criação das formas organizadoras da vida social. Era isso que a sociedade pedia aos estudantes ativistas políticos saídos das Belas Artes no calor das ações revolucionárias. Também assim abriu caminho

---

<sup>5</sup> Guia de estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto ano letivo 2005/2006: p.7, Faup, Porto.

<sup>6</sup> Conferencia realizada no I Seminário de Ensino da FAU-UFRJ publicada em *Arquitetura e Ensino: Reflexões para uma Reforma Curricular*. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2003.

<sup>7</sup> O programa SAAL (Serviço de Apoio Ambulatorial Local) foi concebido para atender às necessidades de aproximadamente 45000 pessoas mal alojadas em moradias precárias nos bairros das grandes cidades, e mobilizou centenas de arquitetos, engenheiros e estudantes animados pelo afã de colaborar com o novo regime democrático na resolução dos problemas da população urbana. (MONTANER, 2001:196)

<sup>8</sup> Guia de estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, ano letivo 2005/2006: p 5, Faup, Porto.



para a fase atual dos conceitos de ensino da arquitetura na Escola do Porto quando estudantes regressaram da sua aventura exterior, conscientes que precisavam aprender a desenhar.”<sup>9</sup>

Estabelece-se assim a chamada “Escola do Desenho”, como ficou conhecida a partir desta fase, com a convicção de que sua organização deveria ser fundamentada segundo uma competência inicial: formar o estudante com a capacidade de colocar suas idéias no papel. O desenho assume uma importância e relevo muito particular o que ainda hoje podemos observar, chegando mesmo a disciplina central chamar-se “Projeto e Desenho” entre 1985 e 1990. O modelo organizacional do currículo de arquitetura tendo como diretriz a idéia de Fernando Távora segundo a qual o projeto continua a ser um momento de síntese vai ser reforçado pela presença de Siza como professor, conforme ressalta o Prof. Alexandre Alves Costa:

“Siza vai ser docente na Escola e sua presença marca, a seguir a Távora ou com ele, uma espécie de tomada de consciência metodológica que nunca existira. Siza retira a escola do seu empirismo praticista e estabelece um programa claro para o desenvolvimento de uma didática que parta da consciência do próprio processo de elaboração do projeto de arquitetura, processo de criação artística, condicionado pela função e pela construção. Foi saída e forma de resistência a todas as tentativas de setorização do conhecimento em ilhas de especialização cuja soma produziria, de forma otimizada, o objeto arquitetônico. Consagra-se assim pela sua palavra, a concepção de que a arquitetura não é um processo analítico e linear, partindo da informação para a forma e que, pelo contrário, envolve uma proposta de forma desde o primeiro contato com a realidade”<sup>10</sup>.

Segundo Montaner (2001), as obras de Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura, constituem-se exemplos em Portugal, da continuidade do contextualismo cultural, que defende o realismo e a adaptabilidade ao lugar e às suas preexistências ambientais, como postura inicial frente ao problema arquitetônico. Essas idéias assinaladas por Ernesto Nathan Rogers, já nos anos cinquenta, outorga um lugar proeminente ao contexto urbano e ao marco cultural geral onde se situa a nova obra arquitetônica.

Assim o caminho seguido por Álvaro Siza Vieira com a sua obra encontra inspiração nesses elementos específicos do lugar que se convertem no ponto de partida do projeto, que vai se desenvolvendo com uma grande capacidade de adaptação, numa arquitetura ao mesmo tempo racionalista e organicista. Na construção do novo edifício da Faculdade de Arquitetura do Porto (1987 – 1994), Siza utiliza claras referências da tradição modernista, como observado no aspecto geral do conjunto que lembra uma grande escultura cubista. Por outro lado, surpreende na articulação interna dos espaços, onde um instigante jogo de volumes oblíquos e superfícies, faz parecer por vezes um labirinto e ao mesmo tempo valoriza o percurso na arquitetura. Isso demonstra tanto sua sensibilidade para observar as contribuições da arquitetura contemporânea, como a sua constante experimentação de atitudes perante os sítios, os programas e os modos de construir.

Este edifício tem atraído à atenção dos meios arquitetônicos internacionais ocasionando um fluxo constante de visitantes que procuram conhecer a obra e acabam se interessando pelas práticas de ensino que a escola desenvolve. Essa dinâmica torna-se bastante proveitosa para a escola,

---

<sup>9</sup> Ibidem. p.7

<sup>10</sup> COSTA, Alexandre, Escandalosa Artisticidade. in *Álvaro Siza – Modern Redux*, São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2008 : p.37.

resultando numa grande expressão internacional e promovendo o influxo anual de cerca de 10% de alunos estrangeiros.

Assim conectada a experiência coletiva na cidade do Porto a escola aprofunda um modelo com forte carga ideológica e simbólica e consolida-se como um centro formador no panorama da cultura arquitetônica portuguesa. Essa continuidade é sua marca estrutural, “sua solidez institucional e didática, a sua contribuição central para a história da arquitetura contemporânea portuguesa, cuja qualidade e diversidade só pode ser explicável, pelo menos no Norte do país, a partir do seu protagonismo”.<sup>11</sup>

### **A DIDÁTICA DO ATELIÊ**

O ensino da arquitetura desde as primeiras academias do século XVI estava baseado no sistema do “aprendiz”, fundamentalmente prático e artesanal, onde se aprendia fazendo projetos, mas sem método ou objetividade crítica. O sistema estava baseado no produto acabado e não no processo, no modo como ele se desenvolvia.

No começo do século XIX, apesar da Revolução Francesa lutar contra o poder absoluto, existe uma preocupação das academias de reconstruir todo esse código de regras, esse sistema de leis e princípios existentes no século anterior e torná-lo operatório no sentido da formação para que, e então, o arquiteto pudesse manter seu status social. A Escola de Belas Artes (1795 -1965) que herda um pouco da academia do século XVIII vai ser o bastião de defesa das regras clássicas e desse modo de projetar baseado na reprodução de modelos.

Por outro lado, assiste-se a criação da Escola Politécnica (1795 -1830), destinada inicialmente à formação conjunta de arquitetos e engenheiros civis, como consequência da necessidade de edificar com rapidez construções militares nos territórios conquistados e da importância crescente que tomam as disciplinas científicas. Escola do fazer, da atuação prática da produção, e de certa maneira uma precursora no sentido da metodologia do fazer arquitetônico baseado numa lógica funcionalista onde a simplicidade e a economia eram sinônimo de beleza.

Assim até aos últimos anos do século XIX a formação arquitetônica se processa alternativamente em linhas ou de tradição artística, ou de especialização técnica. “Os sistemas e as instituições de ensino que, ao longo deste século, desde a Bauhaus e até à atualidade, tem formado os arquitetos, podem também polarizar-se, na sua essência, nos paradigmas históricos que apontamos: *o atelier e a politécnica*”. (PORTAS, 2005)

A FAUP pode ser entendida como uma escola onde o ensino de projeto principalmente no ateliê segue a linha de tradição artística herdada da Escola de Belas Artes, assumindo o desenho como instrumento privilegiado para o processo de projeção. O conceito do *desenho* e a questão da *eficácia projetual* estão intimamente ligados ao que pode ser considerado o *método* legível desta escola. O projeto é entendido como um processo de desenho tornando-se para o aluno, o seu meio pessoal e individual de experimentação, expressão e comunicação de idéias.

O culto do desenho pode ser considerado como representativo do *melhor* e do *pior* da *escola do Porto*. Jorge Figueira considera-o positivo:

---

<sup>11</sup> Ibidem. p.34

“[...] como instrumento convencional e consistente, na tradição humanista de representar o homem no centro de onde parte o espaço imaginado, ligando o exercício projetual às tradições da arquitetura, integrando as regras de composição nas regras de representação, o desenho é um insubstituível mecanismo de domínio do projeto, da sua invenção e verificação”. [...] E como lado negativo se coloca quando o desenho se torna no “campo de concentração que se pensa poder substituir a crítica e o conhecimento; que encarcerará modos e permitirá tiques, rotinas no projeto” (FIGUEIRA, 2002:100)

O Prof. Nuno Portas (2005: 353) coloca que a “didática da arquitetura é criadora”, pois não só pretende refletir o melhor nível existente como também “acrescentar possibilidades ao futuro exercício da profissão.” A metodologia da escola apoiada no processo de desenho, ferramenta privilegiada e rápida para a investigação, análise, experimentação e formulação de hipóteses, garantindo a comunicação no processo de projeto, permite ao aluno satisfazer as funções instrumental e estrutural da aprendizagem arquitetônica. E como frisou Schön:

“É essa junção de concepção do problema, experimentos imediatos, detecção de conseqüências e implicações, resposta à situação e resposta à resposta que constitui uma conversação reflexiva com os materiais de uma situação, o talento artístico com caráter de design de uma prática profissional. O design habilidoso é um tipo de conhecimento – em – ação.” (SCHÖN, 2000:124).

Segundo o Prof. Francisco Barata Fernandes a reestruturação do Curso de Arquitetura da FAUP, herdando a experiência acumulada do passado / ESBAP, (em que pedagogia e didática se confundiam e fundiam na transmissão de experiências dos ateliês dos mestres), tem como principal objetivo definir uma estratégia que conduzisse à progressiva identificação e autonomia dos diferentes conteúdos programáticos dos outros disciplinares constitutivos do curso.

A aquisição e o aprofundamento de uma metodologia projetual é um dos objetivos sempre presentes na FAUP, tendo a disciplina de Projeto papel central na estrutura pedagógica ao longo dos cinco anos, quer pela complexidade crescente e variação temática, quer pela própria organização dos objetivos e conteúdos, variação de escalas e de contextos urbanos. O ensino de projeto está dividido anualmente em seis ateliês com um professor assistente e 30 alunos em cada um deles e um professor regente responsável pelo ano. De acordo com a capacidade e os conhecimentos que o aluno possui a cada ano são progressivamente propostos os temas de habitação, equipamento e cidade.

O plano de estudos se desenvolve ao longo dos diversos anos tendo a disciplina de Projeto como eixo estrutural e, em paralelo, quatro colunas complementares: a dos problemas urbanos; a da teoria; a do desenho e desenvolvimento da capacidade técnica e a da história, numa progressão vertical de complexidade crescente e correspondência horizontal interdisciplinar. Assim é proposta aos alunos uma seqüência organizada, um programa definido para cada ano de curso com as disciplinas eletivas disponíveis a partir do 4º ano. Essa grade anual preestabelecida responde a um objetivo específico e a um sentido muito claro de formação em arquitetura, proporcionando um controle maior do percurso acadêmico do estudante na universidade e deixando apenas para o final do curso uma espécie de “abertura de expectativas”<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Conferencia realizada no I Seminário de Ensino da FAU-UFRJ publicada em *Arquitetura e Ensino: Reflexões para uma Reforma Curricular*. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2003.

O chamado primeiro ciclo que corresponde aos dois primeiros anos tem como objetivos reforçar no aluno a necessidade da construção de uma metodologia pessoal de trabalho e a aquisição de ferramentas de projeção. No segundo ciclo que corresponde aos anos restantes parte-se para uma aproximação a prática profissional, sendo primeiramente colocada no 3º ano uma aproximação integrada ao saber *construir* para que no 4º ano possa ser trabalhada a formalização de um programa complexo dentro de um contexto físico e cultural bem marcado. No 5º ano tem-se uma dinâmica projetual inédita com a organização dos trabalhos em grupo sob o tema central de Projeto Urbano.

Um ponto importante no processo pedagógico da escola é a questão da avaliação que é contínua onde cada etapa absorve todas as anteriores, observando sempre a aquisição global das capacidades teórico-práticas de cada aluno no seu exercício e na sua explicitação. Durante a realização de cada exercício ou fase, existem dois pontos de situação em sala de aula, onde os alunos devem expor seus trabalhos para a turma podendo também visitar os trabalhos das outras turmas. Isto os obriga a estarem em dia com o trabalho que pode ser exposto a qualquer momento. Normalmente em cada exercício, após a avaliação e crítica dos trabalhos individuais é feita uma grande reunião com todas as turmas, no auditório, onde são esclarecidos pelos professores os pontos comuns mais importantes com exemplos, numa crítica comparada coletiva tendo como base as chamadas “famílias de soluções” escolhidas previamente nos pontos de situação. Na avaliação também são observadas a presença e participação nas aulas assim como a regularidade e continuidade dos trabalhos.

Entendendo como o abordado pelo Prof. Elvan Silva<sup>13</sup> que “a avaliação do projeto arquitetônico, no contexto do ensino, é uma questão de opinião, já que esta é a natureza de um juízo de valor” [...] considero que “é compreensível que tanto discentes como docentes persigam modos de diminuir a incidência de desacordo na emissão de juízos de valor”. Observei que na FAUP busca-se uma forma de avaliação menos centrada no professor do ateliê e mais “democratizada” a partir da crítica comparada. A existência de um repertório mais ou menos “caracterizado” na escola, ainda que não explícito, e a discussão coletiva das premissas que devem presidir o processo facilita uma maior definição de critérios e objetivos, o que pode ser observado no resultado dos trabalhos dos alunos.

Finalizando o curso, no 6º ano o plano de estudos prevê a realização de um estágio e da prova final. O objetivo do estágio é proporcionar ao estudante “sua inserção no meio profissional através da integração do aluno nas estruturas produtivas da própria Faculdade, de organismos oficiais e de instituições privadas”<sup>14</sup>. Normalmente o semestre de estágio é cursado fora do Porto, via ERAMUS<sup>15</sup>, mas os alunos podem fazer também na própria faculdade, através dos trabalhos em

---

<sup>13</sup> SILVA, Elvan. *Crítica e avaliação no ensino do projeto arquitetônico: subsídios para uma discussão necessária*. in O Lugar do Projeto, no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007: p. 141.

<sup>14</sup> Guia de estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, ano letivo 2006/2007: p 195, Faup, Porto.

<sup>15</sup> O Programa Erasmus Mundus é um programa comunitário de cooperação e mobilidade no domínio do ensino superior, que visa promover a União Europeia enquanto centro de excelência da aprendizagem a nível mundial. [www.ul.pt](http://www.ul.pt)

seminários junto com os professores. De acordo com o regulamento o período de estágio tem a duração de um ano letivo a que corresponde um período mínimo de seis meses úteis de trabalho.

Para que o aluno obtenha o seu diploma é necessário fazer um trabalho teórico ou que tenha uma grande parte teórica, e passar por uma banca com dois professores além do orientador constituindo assim a chamada prova final – “último ato acadêmico da Licenciatura em Arquitetura pela FAUP”<sup>16</sup>. O tema é de livre iniciativa e escolha do estudante, devendo, porém ser previamente aceito pelo Conselho Científico.

## **O PROCESSO DE BOLONHA E A ESCOLA DO PORTO**

No final dos anos 80 com a entrada de Portugal na União Europeia produz-se uma grande mobilização de capitais públicos e privados alocados principalmente em obras de infra-estrutura, criação de novos pólos universitários e na requalificação de centros urbanos. Portugal consegue assim superar a posição periférica em que se encontrada a vinte ou trinta anos atrás, notadamente em termos culturais e arquitetônicos. A aproximação substancial com o restante da Europa, juntamente com o fortalecimento da democratização, produziu o acesso efetivo ao mercado europeu permitindo o aparecimento de uma prosperidade crescente.

A realização da EXPO-98 e as comemorações do Porto 2001 como Capital Europeia da Cultura contribuíram para fomentar vários projetos incluindo os de reabilitação urbana já iniciados, assim como serviram para expor “projetos de internacionalização e marketing urbano como o Museu de Serralves, de Álvaro Siza; a Frente Marítima do Parque da Cidade, de Manoel de Solà-Morales e a Casa da Música de Rem Koolhaas”. (FERNANDES; CANNATÀ, 2006)

Neste panorama favorável percebe-se um interesse crescente da sociedade portuguesa na arquitetura. O ensino de arquitetura abre-se para a iniciativa privada propagando-se geograficamente com grande rapidez. Os professores saem das escolas tradicionais de Lisboa e do Porto e vão trabalhar nos novos cursos em Coimbra, Guimarães e Évora, universidades que apostam no “reconhecimento profissional dos docentes como forma de criar um caráter *escola* direcionada para a prática”.<sup>17</sup>

A necessidade de aderir às determinações do Protocolo de Bolonha<sup>18</sup>, notadamente no que se refere à estrutura prevista para formação na graduação e na pós-graduação, gerou um intenso debate na FAUP, tendo sido inclusive colocada a hipótese de não adesão conforme o relato de diversos professores na ocasião. As questões relativas às facilidades apresentadas na mobilidade e intercâmbio de docentes e discentes, no reconhecimento dos títulos no espaço europeu, na organização e equivalência do sistema de créditos, são considerados pontos positivos do processo. Por outro lado, uma perspectiva de homogeneização lingüística, cultural e dos conteúdos, parece ser a ameaça mais combatida por todos os países envolvidos. A valorização

---

<sup>16</sup> Ibidem. p.195

<sup>17</sup> MILHEIRO, Ana. *Arquitetura portuguesa 2000 – 2005 – Um guia temporário*. In REVISTA 2G – Portugal 2000-2005 – 25 edifícios do século XXI. Barcelona: Gustavo Gili.

<sup>18</sup> O Processo de Bolonha aponta para o desenvolvimento de certa unificação e convergência dos estudos superiores na União Europeia. Este processo teve início com a Declaração da Sorbonne em 1998 e continuou com os encontros dos ministros da educação da EU e do Espaço Econômico Europeu (EEE), em Bolonha em 1999, Praga 2001, Salamanca 2002 e Berlim 2003. (SERRALHEIRO, 2005:17)

que se atribui à eficiência e à competitividade entre estudantes e escolas preocupa a comunidade do ensino superior, principalmente na prioridade que se dá à subordinação do ensino ao mercado de trabalho.

Nesse aspecto da atualidade, não podemos deixar de lembrar Bauman (2000), principalmente nas questões relacionadas à necessidade dos contínuos “fazeres” numa compulsiva e obsessiva “criatividade destrutiva” em nome da produtividade ou da competitividade, onde nos movemos continuamente, na impossibilidade de atingir a satisfação. Assim o tempo tornou-se a arma de conquista do espaço, graças a sua flexibilidade e expansividade adquiridas na contemporaneidade. E é também dentro desta ótica que se coloca através do processo de Bolonha, a abreviação do tempo de formação do estudante. É preciso formar mais e mais rápido o estudante para que possa ser revertido para a sociedade o investimento alocado nele.

Como se situa hoje o ensino da escola do Porto? É possível evoluir dentro deste quadro auto-referenciado? Ainda podemos observar na produção contemporânea portuguesa a influencia dos mestres do Porto? Na fase atual colocam-se alguns questionamentos importantes de acordo na observação do Prof. Domingos Tavares<sup>19</sup>:

“[...] abriu a terceira fase do ensino da arquitetura no Porto, que corresponde, genericamente, ao modelo atual que ainda não está resolvido porque não conseguiu superar a sua contradição principal: como conciliar o patrimônio pedagógico de uma escola centenária assente no ensino prático e tutorial integrador de uma cultura local assente nas tradições do fazer, com a construção de uma outra filosofia aberta ao universo do conhecimento e capaz de responder às exigências de um ensino de massas onde o princípio da humanização das relações, da sociabilidade entre professores e estudantes, da descoberta das exigências do futuro para a construção do mundo, ainda que esse mundo seja só o da competência dos Arquitetos.”

Atualmente na instituição existe um debate sobre a questão da permanência desta “identidade”<sup>20</sup> quando se perderam as referências históricas, políticas e sociais que caracterizaram sua formação. No momento atual já não tem a mesma força o papel social do arquiteto, que unia tanto os docentes e discentes com o dinamismo e empenho na luta do social, ao mesmo tempo em que se perdeu a consciência política e herdou-se um conjunto de experimentações pedagógicas em favor de uma maior abertura da escola ao exterior e à sociedade.

Nos resultados de concursos públicos de dimensão nacional com a participação de novas equipes continuamos a perceber a influência da “escola”. A atenção aos lugares, o cuidado com preexistências colocado na mínima interferência possível, a força da intervenção tendo como ponto de partida a plasticidade dos materiais constroem uma arquitetura ao mesmo tempo racionalista e organicista, que se transforma num mediador “silencioso” entre programa e paisagem.

---

<sup>19</sup> Guia de estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, ano letivo 2005/2006: p.7, Faup, Porto.

<sup>20</sup> Segundo Bauman (2005:17) “é comum afirmar que as *comunidades* (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Fracauer) vivem juntos numa ligação absoluta, e outras são fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”. No meu ponto de vista a chamada *identidade* na escola do Porto está relacionada a uma comunidade de destino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise feita durante o meu período de vivência nesta escola em janeiro de 2007, posso como síntese relacionar alguns aspectos observados: em primeiro lugar, como já foi falada anteriormente, a constante dialética estabelecida entre o contexto urbano (ou rural) e o projeto arquitetônico; em segundo lugar a preocupação construtiva; e em terceiro, a continuada tradição do moderno com a liberdade de interpretação.

O que pode distinguir a FAUP das outras escolas é justamente a existência, ou a procura de um método que seja legível ao nível do próprio curso. A importância da leitura do *contexto*, o processo de procura da *forma* através principalmente do *desenho*, a presença da *construção* no desenvolvimento da solução, são fatores constituintes de um *método* praticado na escola. Essa prática está consolidada pela produção de gerações de professores, como por exemplo, Pedro Ramalho, José Manoel Soares, Carlos Guimarães e Luis Soares Carneiro, para citar apenas alguns que pude conhecer pessoalmente.

Outro fator importante é a inexistência de disciplinas opcionais ao longo dos quatro primeiros anos do curso, fazendo com que todos os alunos tenham o mesmo percurso acadêmico que corresponde a um sentido muito claro de formação em Arquitetura, igual para todos. É claro que se podem apontar vantagens e desvantagens nesse sistema, mas uma estruturação vertical pré-estabelecida responde a um objetivo específico e bem determinado permitindo a conscientização de uma formação muito própria da Faculdade de Arquitetura do Porto.

No meu entendimento a indefinição do tipo de formação que se quer oferecer e provoca um esvaziamento no ensino contribuindo assim para a crise nas escolas atuais. A importância de definir qual *tipo* de escola que se pretende possibilita a construção de uma direção a ser seguida por todos e contribui para que qualquer decisão possa ser colocada e/ou apoiada neste sentido de qualidade da escola.

Entretanto não se trata de reivindicar para o ensino de arquitetura “conteúdos estáveis de conhecimento, mesmo porque estes não existem mais, assim como não se produzem mais tratados nem existem paradigmas suficientemente consensuais nos nossos tempos”<sup>21</sup>. É antes uma diversidade de opções a situação que nos apresenta hoje, sendo necessário usar essa crise como fator positivo de crescimento, sem o abandono da idéia transformadora e buscando aprofundar nossa capacidade crítica como meio de superação das dificuldades.

---

<sup>21</sup> PORTAS, Nuno. *Ensino: os Projectos dos Arquitectos*. J.A. 201. Lisboa. Maio/Junho 2001. in *Arquitecturas – História e Crítica, Ensino e Profissão*. (org.) Manuel Mendes. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.432.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Luciana; BRONSTEIN, Laís; SILLOS, Jacques [orgs.] **Arquitetura e Ensino: Reflexões para uma Reforma Curricular**. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COMAS, Carlos E. (Org.) **Projeto Arquitetônico – disciplina em crise, disciplina em renovação**. São Paulo: Projeto, 1986.

DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle; BRONSTEIN, Laís [orgs.] **O lugar do projeto: no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

FERNANDES, F. CANNATÀ, M. **Guia da Arquitectura Moderna no Porto 1925-2002 – (3ªed.)** Porto: ASA Editores S.A. 2006.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa** - São Paulo: Editora Paz e Terra Coleção Leitura - 8ªed, 1998.

FIGUEIRA, Jorge. **Escola do Porto: Um Mapa Crítico**, Coimbra, e.d.arq, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Álvaro Siza – Modern Redux**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2008.

GAUSA,M; GUALLART, V; MÜLLER,W et al. **Dicionário Metápolis de Arquitectura Avanzada**. Barcelona: Actar, 2004.

MARQUES, S.; LARA, F. (Org.) **Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto**. Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica, 2003.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do Movimento Moderno arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili. 2001.

MORIN, Edgar **A Terra, Astro Errante** – Jornal do Brasil: Caderno Idéias, 04/03/1990,

PORTAS, Nuno. **Arquitecturas – História e Crítica, Ensino e Profissão**. (org.) Manuel Mendes. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005.

REVISTA 2G – Portugal 2000-2005 – *25 edifícios do século XXI*. Barcelona: Gustavo Gili.

SANTOS, Boaventura de S. *Da idéia de universidade a universidade de idéias*, in **Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. (4ª. ed.) São Paulo: Cortez Editora, 1997.

SERRALHEIRO, José Paulo [org.] **O Processo de Bolonha e a Formação dos Educadores e Professores Portugueses**. Porto: Editora Profedições, Ltda, 2005.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

SILVA, Elvan. **Matéria, idéia e forma: uma definição de arquitetura** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.